

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS DA FAMÍLIA NO
DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

MARIA ELIETE ABREU BARBOSA

FORTALEZA – CE
MARÇO 2005

**IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS DA FAMÍLIA NO
DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO**

MARIA ELIETE ABREU BARBOSA

**MONOGRAFIA APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA, COMO REQUISITO PARCIAL À
OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM PSICOPEDAGOGIA PELO
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO.**

FORTALEZA - 2005

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Psicopedagogia, outorgado pelo Centro de Treinamento e Desenvolvimento e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do referido Centro.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Maria Eliete Abreu Barbosa

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Prof^ª. Dra. Helena Claudia Frota de Holanda
Orientadora

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder forças para o meu corpo e para o meu espírito, para que eu pudesse conquistar mais uma vitória.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram com seu conhecimento para minha formação, em especial aos professores.

Agradeço ainda a Profa. Rita Cavalcante Brasil, que de forma carinhosa contribui para a chegada deste singular momento de realização quero expressar meu reconhecimento.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, Rosa Abreu Barbosa e José Barbosa da Silva (in memoriam), irmãos, ao meu esposo Lima e em especial ao meu filho Raphael, pois na validade de minha luta, nos méritos de minha conquista, há muito da presença de vocês. Sou abençoada por partilhar minha vida com vocês.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizado da criança, como também, o papel da família na sua socialização. Destina-se a transmitir que o aspecto afetivo se constitui na variável de maior amplitude e importância para a construção do *self* da criança e conseqüentemente para sua construção mental e correto desenvolvimento psíquico. Apoiando-se na literatura disponível busca-se abordar o assunto em quatro tópicos. O primeiro expõe e define o grande conjunto que a afetividade compõe na natureza humana. No segundo insere-se a família como precursora e fonte principal desta. No terceiro tópico destacam-se os aspectos positivos, advindos das relações afetivas e no quarto e último os possíveis aspectos negativos atribuídos à ausência de afetividade; concluindo-se o presente trabalho com uma breve exposição de comentários a cerca do mesmo. Busca-se através deste uma abordagem simples e objetiva dos aspectos emocionais que norteiam o crescimento de uma criança, sua socialização e o seu ambiente, principalmente o familiar, norteando as premissas obtidas as questões do aprendizado, objetivando com isso

1 INTRODUÇÃO

Especialistas de diversas áreas apontam a falta de afetividade, o calor e o aconchego de um lar, onde inexistem amor e carinho como responsáveis pela crise que avassala a instituição familiar.

Imaginava-se até então, que a desestruturação familiar tivesse como responsável a miséria, a marginalização a que estão sujeitas as pessoas que não possuem recursos materiais, e a falta de cultura; mas percebe-se hoje que a mesma se faz presente em todas as classes sociais.

Segundo Bee (2003), os resultados mais negativos da desestruturação de uma criança são encontrados nas famílias negligentes, e que as famílias que proporcionam altos níveis de carinho e afeição produzem crianças confiantes, competentes, independentes e afetivas, possuem um relacionamento mais positivo menos confuso com os pais e se relacionam melhor com seus pares.

A solução para deter esta avalanche de infelicidade não se encontra em nenhum manual, mas na própria família, pois é neste, e no espelho de vida dos pais, que os filhos aprenderão os valores e os comportamentos necessários para a vida em sociedade, como a confiança, a generosidade, a consciência de que os anseios são infinitos, mas os bens finitos, e a necessidade de prescindir das coisas em benefício dos outros.

“As famílias que tem regras e padrões claros, fazendo cumprir consistentemente essas regras e essas expectativas, têm filhos que revelam maior auto-estima e competência nas mais variadas situações”. (Bee, 2003, p.436).

É na família que se aprende, antes do que em outro lugar, a respeitar e valorizar as diferenças de temperamento, de gostos, de desejos, de necessidades.

A prática dos valores religiosos é de fundamental importância, pois os pais que têm estas atitudes projetam aos filhos uma boa imagem de Deus, este como um pai amante e carinhoso.

A criança ao nascer tem por necessidade o afeto, que nada mais é do que a satisfação de suas necessidades (corporais ou psíquicas), que farão parte no seu desenvolvimento físico e mental, e que a mãe será a responsável primeira por estas ações, que contribuirão para a construção de valores e de suas potencialidades.

De acordo com Wadsworth (2003) o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. A personalidade será o resultando do tipo de afetividade recebida pela criança, e será essencial para a agregação social.

Segundo Soifer (1982), as possibilidades de desenvolvimento físico e psíquico da criança dependem exclusivamente das condições materiais e emocionais que lhe oferecem os seus familiares, e em especial, a mãe.

A família tem por principio básico para com a criança ensinar e aprender e os modelos recebidos pelos pais em sua própria infância como: mecanismos de defesa, valores sociais e culturais, assim como conhecimentos que a família possui em geral sobre criação e educação, nortearão, em parte, a formação social do filho. Durante os primeiros anos de vida o ensino cabe totalmente aos pais, ao passo que corresponde às crianças a função de aprender.

Desprende-se, pois, que a formação dos pais, seu tipo de religião sua conduta e entendimento de cidadania, será transmitido aos filhos, sendo os pais os primeiro educadores. A convivência em sala de aula e com os colegas, onde se tem a oportunidade de novas informações, as quais, inevitavelmente, serão confrontadas com as anteriormente recebidas, conduzirá a criança ao exercício de adequar seu raciocínio para posteriormente obter sua assimilação.

A criança carente de afetividade terá dificuldade em socializar-se, prejudicando seu desenvolvimento emocional, sua auto-estima e autoconfiança, pois estará sempre indiferente com as demais pessoas. Caso a sua afetividade não seja prejudicada o desenvolvimento tende a ser completo, e sua autoconfiança tende a se valorizar, os princípios morais e éticos serão reforçados.

De acordo com Wandsworth (2003, p.171):

“A compreensão infantil das regras e de outros conceitos morais (fraude, mentira, justiça, para citar alguns) desenvolve-se de maneira essencialmente similar aos conceitos cognitivos e outros conceitos afetivos”.

Nos últimos tempos tem-se observado um aumento repentino de violência e prostituição, existindo uma grande preocupação com a qualidade inadequada da estrutura familiar que estão inseridas as crianças. Diante destas observações supõe-se que o problema poderá estar na falta de afetividade, de atenção e de valores, estes familiares.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizado da criança, como também, o papel da família na sua socialização.

2 TEORIAS (Piaget, Vygotsky, Wallon).

Pensar e sentir são ações indissociáveis. Esta é a idéia que tentaremos imprimir e defender, tendo como preocupação central transpô-la para o campo educacional. E o faremos expondo algumas reflexões acerca do papel da afetividade no funcionamento psicológico e na construção de conhecimentos cognitivo-afetivos.

Ultimamente, vários estudos têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano. A partir de abordagens que dão ênfase nas interações sociais, destacando-se o papel determinante do outro no desenvolvimento e na constituição do indivíduo, tem se configurado uma tendência na consolidação de teorias que se baseiam numa visão mais integrada do ser humano. A tradicional visão dualista do Homem enquanto corpo/mente, matéria/espírito, afeto/cognição, que tem permeado a trajetória do pensamento e do conhecimento humano há muitos séculos, tem se manifestado em estudos sobre o comportamento a partir de uma visão cindida entre racional e emocional, pressupondo-se, geralmente, que o primeiro deveria dominar o segundo, impedindo uma compreensão da totalidade do ser humano. O advento de concepções teóricas, como a abordagem histórico-social, marcadas pela ênfase nos determinantes culturais, históricos e sociais da condição humana, tem possibilitado uma nova leitura das dimensões afetiva e cognitiva no ser humano, na direção de uma interpretação monista, em que pensamento e sentimento se fundem, não mais possibilitando análises isoladas dessas dimensões (Leite & Tassoni, 2005).

“Para Piaget toda conduta, seja ela de origem afetiva ou cognitiva, é sempre adaptativa, e nesse sentido visa sempre o restabelecimento do equilíbrio entre o organismo e o meio. Assim sendo, o retorno ao estado de equilíbrio proporciona ao sujeito sentimento de satisfação que deve ao fato de o sujeito ter satisfeito um desejo, que a princípio o havia desequilibrado” (Sesto, 2001,p.101).

Não é recente a discussão sobre o papel da afetividade na constituição da subjetividade humana. Inserida na história da filosofia, no contexto das relações entre razão emoção e sentimento, foi motivo de aquecidos debates envolvendo grandes filósofos, que ora valorizavam os conflitos existentes entre razão e sentimentos, ora a dicotomia ou o papel superior de um aspecto sobre o outro. Eurípedes, por exemplo, investia no tema do conflito entre razão e emoção e freqüentemente ilustrava esse aspecto em suas peças teatrais. Já Aristóteles, numa perspectiva claramente dualista, reiterava que os sentimentos residem no coração e que o cérebro tem a missão de esfriar o coração e os sentimentos nele localizados.

Kant, destacando a supremacia da razão, construiu uma perspectiva negativa das emoções e dos sentimentos, chegando a afirmar que as paixões são a enfermidade da alma. De um modo geral, o que se evidencia nos escritos dos filósofos, da Grécia antiga até a modernidade, é uma concepção dissociada, na qual a razão quase sempre tem status superior com relação aos sentimentos (Vasconcelos, 2004).

2.1 Piaget

Não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao self (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno). Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro mas não modifica sua estrutura”. Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade (Arantes, 2004, p.4).

Para o psicólogo a afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência. As crianças não pensam como os adultos por ainda lhes faltarem certas habilidades, a maneira de pensar é diferente, não somente em grau, como em classe. O desenvolvimento da inteligência, ocorre através da assimilação e acomodação. Os esquemas de assimilação vão se modificando, configurando os estágios de desenvolvimento.

2.2 Lev Semenovich Vygotsk - Afetividade no processo de formação de conceitos

Tematizou as relações entre afeto e cognição postulando que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração. Reconhecendo as bases orgânicas sobre as quais as emoções humanas se desenvolvem, buscou no desenvolvimento da linguagem sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo. Produto e

expressão da cultura, a linguagem configura-se, na teoria de Vygotsky, como um lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborados. A linguagem forneceria, pois, os conceitos e as formas de organização do real. Em suma, "um modo de compreender o mundo, se compreender diante e a partir dele e de se relacionar com ele". Explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Afirma ele que "A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos.(Souza & costa,2005)

Sua reflexão defende que as emoções não deixam de existir, mas evoluem para o universo do simbólico, entrelaçando-se com os processos cognitivos. É uma "teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores", ainda que ela seja mais conhecida com o nome de "teoria histórico-cultural".

2.3 Wallon

Estabelece uma estreita ligação entre as emoções e a atividade motora. Para ele, "a emoção corresponde a um estágio da evolução psíquica situado entre o automatismo e a ação objetiva, entre a atividade motriz, reflexa, de natureza fisiológica e o conhecimento. Logo ao nascer, a criança manifesta um tipo de movimento totalmente ineficaz do ponto de vista da transformação do ambiente físico, que Wallon chamou de "impulsivo". Esses movimentos tornam-se expressivos, organizados e intencionais através da comunicação que se estabelece entre o bebê e o ambiente humano, por meio de respostas marcadas pela emoção. É, portanto, a partir das interpretações dos adultos que os gestos da criança ganham significado. Estabelece uma distinção entre emoção e afetividade. As emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos. Contrações musculares ou viscerais, por exemplo, são sentidas e comunicadas através do choro, significando fome ou algum desconforto na posição em que se encontra o bebê. Ao defender o caráter biológico das emoções, destaca que estas originam-se na função tônica. Toda alteração emocional provoca flutuações de tônus muscular, tanto de vísceras como da musculatura superficial e, dependendo da natureza da emoção, provoca um tipo de alteração muscular. Wallon "identifica emoções de natureza hipotônica, isto é, redutoras do tônus, tais como o susto e a

depressão. (...) Outras emoções são hipertônicas, geradoras de tónus, tais como a cólera e a ansiedade, capazes de tornar pétreas a musculatura periférica. (Leite & Tassoni, 2005).

Para o estudioso francês, a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional.

Para Wallon e Piaget os dois se propunham a análise genética dos processos psíquicos, no entanto, Wallon pretendia a gênese da pessoa e Piaget a gênese da inteligência.

Para Vygotsky o ser humano se caracteriza por uma sociabilidade primária. Henri Wallon expressa a mesma idéia de modo mais categórico: referindo que o indivíduo é geneticamente social. Eles aprofundam uma visão psicológica buscando explicar como o aspecto afetivo, que tem raízes na filogênese, desenvolve-se e complexifica-se, atuando na constituição do sujeito e nas suas relações com o ambiente físico e social.

Pontos em comum entre Wallon e Vygotsky

Observa-se que Wallon e Vygotsky têm muitos pontos em comum, em se tratando da afetividade. Ambos assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para ela, demonstrando, cada um à sua maneira, que as manifestações emocionais, portanto de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos. Da mesma forma, defendem a íntima relação que há entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente.

Algumas diferenças entre Piaget e Vygotsky

Um dos pontos divergentes entre Piaget e Vygotsky parece estar basicamente centrado na concepção de desenvolvimento. A teoria piagetiana considera-o em sua forma retrospectiva, isto é, o nível mental atingido determina o que o sujeito pode fazer. A teoria vygotskyana, considera-o na dimensão prospectiva, ou seja, enfatiza que o processo em formação pode ser concluído através da ajuda oferecida ao sujeito na realização de uma tarefa.

3 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES

Definição de afetividade

Afetividade, em nosso estudo, pode ser compreendida sob dois aspectos:

- a) proximidade física: um abraço, um aperto de mão, um sorriso, um carinho;
- b) proximidade psicológica: se traduz em compreensão, gentileza, respeito, doação, renúncia, estímulos positivos e realizadores (Almeida,2005)

Na verdade, uma convivência sem afetividade, qualquer que seja, é uma convivência "fria" e desmotivadora.

As pessoas precisam, cada dia, mais de afeto, pois a vida corrida e cheia de dificuldades nos leva a esquecer os valores mais simples (como o afeto, a partilha) e só valorizar os bens materiais. Milhares de crianças morrem, por dia, no mundo, carentes de afetos, jovens se tornam delinquentes, mulheres entram em depressão, homens se tornam inconstantes, velhos sucumbem.

A afetividade é um dos componentes do desenvolvimento intelectual, e tem sua origem no cérebro, o qual é responsável por todas as nossas ações, sejam conscientes ou inconscientes e que são inerentes aos seres racionais e irracionais, cujo afeto primário é o da mãe, desde a fase uterina, que desde já será o norteador para a sua vida.

Com o passar do tempo o que era puramente afetividade, que compunha o ser vivo, passa a dar origem a um outro componente, que junto com aquela será responsável pela formação intelectual, trata-se da cognição, responsável pela percepção memória, raciocínio lógico, inteligência e resolução de problemas.

A afetividade e a cognição são ao mesmo tempo inseparáveis e dependentes uma da outra, paulatinamente a primeira cede espaço ao surgimento da razão, parte cognitiva, porém não deve e nem ocorre sua substituição.

Para Wallon, segundo Galvão (2004), a afetividade tem papel imprescindível ao processo de desenvolvimento da personalidade, cujo mesmo depende de dois fatores, o orgânico e o social, e que a princípio é determinado basicamente pelo fator orgânico, e passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social.

A afetividade vai se desenvolvendo paralelamente a cognição, que antes era totalmente orgânica, evolui para orgânica cognitiva, responsável pelas emoções, sentimentos e paixões e que está sempre relacionada aos estados de bem estar e mal estar do indivíduo, inaugurando assim o período emocional, o que era pura impulsividade e necessidade orgânica agora passa a ser orientado pelo ambiente social.

A afetividade é extremamente necessária para a agregação social e conseqüentemente da sociedade, sem ela a civilização não existiria, graças a ela a humanidade pode construir seus valores e suas razões.

Portanto, afetividade e inteligência, não aparecem prontas nem imutáveis, mas evoluem ao longo do desenvolvimento do ser humano, são construídas e se modificam de um período a outro, a medida das necessidades afetivas e sociais.

O não desenvolvimento afetivo satisfatório acarretará transtornos, tais como, depressão, quadros de ansiedade, pânico, fobias, somatização ou ansiedade generalizada, que se arrastarão para toda a vida, necessitando de tratamentos médicos.

Não se pode conceber o homem ou no caso uma criança como um ser que não sente e não pensa, ela sente, pensa, deduz e abstrai, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza, uma conexão clara entre afeto e intelecto. De acordo com Rego (2003), Vygotsky apóia a teoria de que o processo de pensamento não é um fruto autônomo, dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa, ou seja, defende a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem.

“Vygotsky não separa o intelecto do afeto porque busca uma abordagem abrangente, que seja capaz de entender o sujeito como uma totalidade (...) são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo. (...) cognição e afeto não se encontram dissociadas no ser humano, pelo contrário, se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo”. (Rego, 2003, p.122).

O que se pode defender é que os aspectos intelectuais e afetivos formam uma unidade no processo de desenvolvimento psíquico.

Tratar ou tentar compreender de forma dicotomizada um indivíduo é abster-se ou ignorar sua complexidade, sua unidade orgânica e social, intelecto e afeto, portanto é desagregar o que não pode ser separado já que somos o que sentimos e pensamos.

O afeto ou afetividade é um aspecto psíquico subjetivo, pois sua percepção ou demonstração varia de indivíduo para indivíduo, porém sua ação deve sempre ser agradável aos agentes envolvidos.

Não se quer neste, tentar estabelecer ou delimitar o conceito de afetividade e todos os demais que o norteiam como, carinho, amor, paixão entre outros, quer-se simplesmente ressaltar sua importância e/ou relevância na formação psíquica, aí inserida a inteligência, da criança e seu contínuo como adulto.

Afeto vem do latim “afficere”, que significa influenciar, afetar como um sentimento é sinônimo de emoção, trata-se da percepção ou da relação que se quer ressaltar de um processamento cognitivo maior, pois a emoção amplia a atenção e o processamento de informações, organizando a percepção, o pensamento e o comportamento da criança ou do indivíduo.

Para Aranha; Martins (1998), as ações humanas são motivadas, o ser humano precisa, sente falta, necessita de algo, portanto deseja, essa relação simples ocasiona a vivência de emoções e sentimentos ou a reação afetiva aos acontecimentos ou ao ambiente que o rodeia.

Tal afirmação ratifica a propositura que a afetividade se constitui em importante componente construtor do pensamento, da psique do indivíduo, os sentimentos e as emoções afetam o indivíduo independente de seu consentimento, formatando suas ações e reações.

A afetividade pode ser definida como um vínculo que um indivíduo forma entre si e outro indivíduo específico, como destaca Bee (2003), ou o desejo de estabelecer ou manter contato com uma pessoa específica.

A afetividade (desenvolvimento conativo) estabelece as condições adequadas para o desenvolvimento da inteligência (desenvolvimento cognitivo) por permitir maior interação do indivíduo para com outro e com o ambiente que o cerca de uma forma mais segura. Golse (1998), destaca que Piaget considerava a inteligência e a afetividade inseparáveis e que a segunda possui o papel de uma fonte energética da qual a inteligência ou o seu funcionamento depende.

Como tal pode-se desprender que o aspecto afetivo quando deficitário como, situações de abandono, separação dos pais, ambiente agressivo, entre outros exemplos, se constitui em um elemento que bloqueia ou cerceia o processo de aprendizagem ou o desenvolvimento do indivíduo.

“Embora não exista uma concordância quanto ao papel desempenhado pelos afetos no processo de conhecer, é consenso o fato de que os estados afetivos interferem no cognitivo. (...) as funções afetivas e cognitivas são de natureza distintas, embora indissociáveis, uma vez que não existe conduta afetiva sem elementos cognitivos nem tampouco elementos cognitivos desvinculados do afeto”. Martinelli apud Sesto et al (2001, p.100).

Na Teoria Piagetiana toda conduta, de origem afetiva ou cognitiva, é sempre adaptativa, busca o equilíbrio entre o organismo e o meio, o que vem por reforçar o papel de “pilha” no processo de formação e maturação da inteligência do fator afetividade, sem, no entanto modificar a estrutura daquela. Trata-se da Teoria Psicogenética da relação entre afetividade e cognição. A inteligência se constrói em bases pré-existentes, opera independente do conteúdo, enquanto o afeto seleciona o conteúdo ou objeto de seu interesse para agir, Martinelli apud Sesto et al (2001).

Desse modo, de acordo com Wadsworth (2003), o aspecto afetivo, como se vem reforçando ao longo desta exposição, exerce grande influência no desenvolvimento intelectual, acelerando ou diminuindo seu ritmo, determinando sobre quais conteúdos se concentrar e de que forma. De certa forma a afetividade pode ser entendida em alguns casos como o interesse, só assim pode-se explicar que dado um conteúdo a crianças diferentes as mesmas o assimilam de forma diferenciada, orientando-o para sua estrutura e interesse existente.

O desenvolvimento e assimilação da afetividade, segundo o mesmo autor, ocorrem de forma paralela aos aspectos cognitivos e de forma similar, um processo de assimilação das experiências vivenciadas, resultando na sua interação ou conjunção no conhecimento, daí a importância conferida a afetividade como dínamo da atividade mental.

Sendo o desenvolvimento intelectual, sob esse aspecto, dependente de relações ou da interação e experiência social, é certo afirmar que o mesmo não pode ser desenvolvido sem a interação ou relação com o meio, trata-se de uma ligação afetiva e adaptativa. A adaptação é um conceito motivacional, tendo seu início no nascimento e ocorre em função de suas necessidades.

Segundo Wadsworth (2003, p.163), “o desenvolvimento das estruturas cognitivas e de conhecimento é um processo evolucionário que acontece dentro de cada indivíduo”.

A evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, e a evolução desta depende das construções afetivas, “ao longo do

desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência” Arantes (2004).

Pensar e sentir são, destaca-se novamente, indissociáveis, constituindo a razão e a emoção aspectos diferenciados, porém intrinsecamente ligados ao raciocínio humano. O reconhecimento das emoções e dos sentimentos exige aspectos ou ações cognitivas, e estas a presença de aspectos afetivos, tal conjunto estrutura o pensamento e se constitui na base da construção do conhecimento. Em decorrência desse aspecto supõe-se que o interesse por algo e a interação social desempenhem papel estratégico no processo de construção ou constituição mental. Wadsworth (2003) chama a atenção para “o aspecto afetivo tem papel central na determinação daquilo que chama a atenção, ele é o guarda-portão e determina se os portões devem se abrir ou se fechar (...) o interesse alimenta o esforço”. (Wadsworth, 2003, p.171).

A criança é livre para atribuir valor ou interesse sobre determinado assunto ou objeto, se deseja que esta se empenhe em algo se deve estimulá-la para tal, induzindo-a ao interessar-se por aquilo e despertando sua necessidade, sob um aspecto afetivo tal ato reveste-se de motivação.

“Não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. (...) na assimilação o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao self (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno)”. (Arantes, 2004, p.4).

No trecho acima a autora destaca que na Teoria de Piaget o papel da afetividade é funcional na inteligência, constituindo-se na fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento, ela, a afetividade, é essencial. Na relação da criança com os objetos e o meio, com as pessoas e consigo mesma a afetividade, neste caso as emoções, direcionam seu interesse para uma situação ou outra, e a tal advém uma ação cognitiva que organiza seu funcionamento mental.

Do que foi exposto até o presente, pode-se e convém destacar que a questão das inter-relações ou relações sociais desempenha papel de suma importância na construção dos processos afetivos, e que por definição deste, na construção mental de cada criança, o que nos leva a postular a existência de uma relação entre sentimentos, os modos cognitivos e o ambiente que cerca os indivíduos.

“Na escola, a interação social e a colaboração entre os colegas são essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. A interação social, além de fonte para a aprendizagem da

cooperação, é também uma fonte de conflito cognitivo e desequilíbrio. (Wadsworth, 2003, p.173).

Rego (2003), destaca a importância que Vygotsky atribui ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano, contrapondo este aos paradigmas botânicos e zoológicos adotados por algumas correntes psicológicas para explicar o desenvolvimento infantil. Ele chama a atenção para a reciprocidade entre o organismo e o meio. As características individuais como, o modo de pensar, agir, valores e percepção social são consequência da interação da criança ou do homem com o seu meio social e físico.

“O desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sócio-cultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica (e dialética) através de rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo”. (Rego, 2003, p.58).

As interações com o grupo social ou familiar e com a cultura formata e governa o comportamento e o desenvolvimento do pensamento, são as intervenções constantes daqueles que cercam a criança, que operam e formatam seus processos mentais. Neste contínuo de interferências e novos processos, pode-se identificar a existência de etapas diferenciadas e caracterizadas por um conjunto de necessidades e de interesses que conjugam a coerência e a unidade do desenvolvimento humano de acordo com (Galvão, 2004, p.39).

“Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento, conforme as disponibilidades da idade a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento”.

Constata-se assim que as circunstâncias sociais que cercam ou nas quais a criança se insere são determinantes nos seus processos ou encadeamentos afetivos, conduzindo também seus processos cognitivos. A autora destaca ainda a visão de Wallon que vê o desenvolvimento da criança como uma construção progressiva, onde as fases se sucedem com alternada predominância, ora afetiva, ora cognitiva, sendo estas elencadas em cinco estágios de acordo com a psicogenética Walloniana:

- Impulsivo-emocional – abrange o primeiro ano de vida, a emoção é o instrumento de interação com o meio, predomina a afetividade como orientadora das ações e reações;

- Sensório-motor e projetivo – vai até o terceiro ano de vida. A atenção é direcionada a exploração física do meio que rodeia a criança. Predominam as relações cognitivas da criança com o meio;
- Personalismo – dos 3 aos 6 anos, formação da personalidade, construção da consciência através das interações sociais. Predominância das relações afetivas;
- Categorical – a partir dos 6 anos, construção intelectual e do conhecimento. Predomina o aspecto cognitivo;
- Adolescência – nova definição dos contornos da personalidade, conflitos pessoais, morais e existenciais. Predomínio da afetividade.

Apesar da alternância da predominância entre afetividade e cognição, o autor destaca que ambas são dependentes, construindo-se reciprocamente.

A ênfase que se atribuiu à questão da interação social na construção dos processos afetivos e cognitivos objetivou formatar a reflexão da influência da família nestes processos, sua dimensão afetiva, emocional, motivacional e de interesse. Pretende-se discorrer e articular os aspectos afetivos que circundam a família e a criança em formação com o intuito de observar suas relações e desdobramentos no processo de formação e construção mental.

É a Afetividade quem dá valor e Representa nossa realidade. Essa Afetividade também é capaz de representar um ambiente cheio de gente como se fosse ameaçador, é capaz de produzir pânico ao nos fazer imaginar que podemos morrer de repente. A afetividade valoriza tudo em nossa vida, tudo aquilo que está fora de nós, como os fatos e acontecimentos, bem como aquilo que está dentro de nós (causas subjetivas), como nossos medos, nossos conflitos, nossos anseios, etc. A afetividade valoriza também os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras(Ballone,2002).

Vamos nos imaginar em meio à uma briga de rua. Nosso medo (ou ansiedade) será diretamente proporcional ao tamanho de nosso adversário; quanto maior nosso adversário maior o medo. E como avaliamos o tamanho de nosso adversário? Seu tamanho será avaliado sempre em comparação ao nosso próprio tamanho, pois, nosso único parâmetro de comparação será sempre nós mesmos.

Afetividade é, também, se tornar sensível aos problemas alheios, adotando-se gestos de consolo e doação. Seja um "doador de carinho". Permita com que seu coração se

enteneça, enchendo-se de amorosidade, afeto e ternura. Esse é o convite da vida para dar sentido a sua existência.

4 O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

Segundo dicionário Michaelis família significa: “conjunto de pai, mãe e filhos, pessoas consangüíneas e de mesma linhagem”. Os conceitos envolvidos em torno da palavra ou da definição, acima reproduzida, são mais amplos e divergentes de acordo com a cultura do povo em questão, destarte tal diversidade pode-se, porém, caracterizar a família como um grupo social, com residência comum, economicamente cooperativa e agregada. Não se quer desdobrar aqui suas mais diferentes constituições ou peculiaridades, apenas destacar que esta se constitui em um grupo social, como tal conta ainda com o expoente afetivo a interferir nas suas relações e interações.

A família sempre foi pensada na História do Brasil como a instituição que moldou os padrões da colonização e ditou as normas de conduta e de relações sociais desde o período colonial. No entanto, até a algumas décadas atrás ainda pouco conhecíamos sobre o perfil dessa família, predominando na literatura uma imagem vinculada ao modelo patriarcal.

E assim, para várias gerações de estudiosos, esse modelo funcionou como critério e medida de valor para entendermos a vida familiar brasileira ao longo do tempo. No entanto, pesquisas recentes tem tornado evidente que as famílias extensas do tipo patriarcal não foram as predominantes, sendo mais comuns aquelas com estruturas mais simples e menor número de integrantes (Samara, 2002).

A família é a base da sociedade porque a educação propiciada pela mesma possui total influencia sobre a personalidade dos indivíduos que formam a estrutura social.

A pluralidade de comportamentos e constituição familiares existentes no mundo contemporâneo não obscurece ou renega o fator afetivo como partícula integrante e aglomerativa desse núcleo chamado família.

Independente de sua estrutura patriarcal ou matriarcal, sua constituição, como uma ação espontânea e natural, possui no desenrolar de seu amadurecimento a função de perpetuação, ou seja, a prole deve ser zelada e conduzida ao aprendizado para perpetuar suas origens. O que vem a ser significativo sob os aspectos da influência da célula social sobre o indivíduo e sua constituição.

De acordo com Aranha; Martins (1998), os seres humanos desenvolvem comportamentos diversificados, sendo a educação seu condutor. A herança cultural ou educacional recebida pelas crianças, mediada ou transmitida por seus familiares contribui para sua formação e compreensão da própria existência e a do mundo ao seu redor.

“Portanto, o processo que possibilita o desenvolvimento da individualidade se encontra em íntima relação com a socialização, pela qual o ser humano se apropria dos resultados da experiência histórica da sociedade em que nasceu”. (Aranha; Martins, 1998, P.30).

A concepção filosófica da formação do indivíduo, acima citada, ilustra bem o papel fundamental da família e seu componente afetivo sobre a formação do indivíduo. Toda ação humana procede do pensamento e todo pensamento é construído a partir da ação, suas interdições são as células de sua formação.

4.1 Padrões de educação dos filhos

Se a questão afetiva influencia a conduta ou o desenvolvimento da criança o padrão ou estilo de educação conferido a essas também é relevante, trata-se de um aspecto

que permeia a afetividade, a forma que essa se traduz na orientação da criança, ou no papel dos pais como primeiros educadores. Os modelos, a seguir destacados, e suas características foram obtidos em Bee (2003):

O Modelo de Baumrind propõe o exame de quatro aspectos que conjugados apresentam combinações e características determinantes a um padrão educacional:

ASPECTOS	NÍVEL DE AUTORIDADE		
	ESTILO PERMISSIVO	ESTILO AUTORITÁRIO	ESTILO COMPETENTE
Carinho ou cuidado	Alto	Baixo	Alto
Nível de expectativas ou exigências de maturidade	Baixo	Alto	Alto
Clareza e consistência das regras	Baixo	Alto	Alto
Comunicação entre pais e filhos	Baixo	Baixo	Alto

A variação de Maccoby e Martin amplia o modelo anterior, enfatizando duas dimensões que sejam o grau de exigência ou controle e a quantidade de aceitação/rejeição ou responsabilidade. A interação destas dimensões acrescenta ao modelo anterior o padrão educacional por eles denominado de estilo negligente. A fim de integrar tais padrões ao contexto deste, passasse a tipificá-los abaixo, ainda segundo Bee (2003).

Tipo autoritário → os pais autoritários são exigentes e pouco responsivos “Esses pais tentam moldar e controlar o comportamento e as atitudes dos filhos de acordo com uma série de padrões. Eles tendem a enfatizar a obediência o respeito pela autoridade e a ordem” (Bee, 2003).

As implicações desse padrão educacional podem ser deduzidas tomando-se como premissa que o aspecto afetivo seja reduzido, de acordo com a autora essas crianças tendem a ser menos sociáveis, possuem auto-estima reduzida e quase sempre não possuem um desempenho escolar satisfatório. A ocorrência destes fatores vai depender da habilidade dos pais ao exercerem seu autoritarismo e ao grau de afetividade envolvida ou despendida que pode contribuir ou agravar tais desdobramentos.

Tipo permissivo → pais indulgentes ou permissivos, que são tolerantes e carinhosos com pouca autoridade, afetam negativamente as crianças. Seu desempenho escolar na adolescência não tende a ser satisfatório, tende a agressividade e a imaturidade, são menos independentes e pouco responsáveis, o que se deduz que o exercício da afetividade também envolve o aspecto disciplinar como pautador do comportamento.

Tipo negligente → é o padrão identificado com os resultados mais negativos no desenvolvimento do indivíduo. Crianças e adolescentes apresentam probabilidade maior de se tornarem delinquentes, apresentam relações tumultuadas, são mais impulsivas e anti-sociais.

Tipo competente → pais com nível elevado de controle e de carinho, com limites claros reforçando um comportamento socialmente maduro, sendo responsivos as necessidades da criança, são disciplinadores quando necessário. As crianças costumam apresentar auto-estima elevada, são independentes, autoconfiantes e com desempenho escolar satisfatório.

Mais do que uma tarefa na sempre apertada agenda de tarefas diárias, a educação dos filhos é um desafio que exige atenção, dedicação e sobretudo muito carinho. o trabalho quase sempre já faz parte da vida do casal, as exigências profissionais são mais facilmente assimiladas e relevadas, mas quando se trata das crianças a situação se torna mais delicada. Para os filhos, a falta da companhia dos pais, a ausência que se torna regra e não exceção, o déficit em quantidade e em qualidade da relação familiar, podem evoluir de uma situação de afastamento físico para um afastamento emocional e interpessoal, com diversas conseqüências que podem se manifestar no presente ou no futuro. Muitos pais mergulham no trabalho visando suprir materialmente a carência de relacionamento com os filhos, fantasiando tornarem-se onipresentes materialmente. Procurando "dar-lhes do bom e do melhor", compram-lhes todos os presentes possíveis, proporcionam-lhes acesso a cursos, atividades esportivas, de lazer, esperando com isso formar-lhes cidadãos felizes e bem preparados para a vida. Tentativas quase sempre frustradas de garantir um "bom futuro" para estas crianças, estas condutas paternas podem estar, na verdade, determinando seu futuro fracasso (Pedro Guerra,2005).

Encontramos pais que nunca abraçam seus filhos, e justificam: "homem não abraça homem!". Que grande bobagem! É pai e filho. Os filhos necessitam dessa proximidade, desse contato, até como um mecanismo de segurança íntima e auto-afirmação psicológica. Agindo assim, os pais estão criando uma distância e um isolamento de seus filhos, puramente por questões "machistas" e arcaicas

Frustrações, desequilíbrios psicológicos, traumas estão intimamente ligados a um passado de cuidados desacompanhados da verdadeira educação. As histórias se repetem nas salas de aula, nos consultórios e nas conversas em grupos de amigos. São lembranças amargas de pais que não dialogavam, que não davam bons exemplos. "Sempre tive de tudo, disso não posso me queixar, mas sentia a falta da presença de meu pai e a indiferença de

minha mãe; talvez seja por isso que tenho dificuldades nos meus relacionamentos mais íntimos e até mesmo nos profissionais".

Quando a família não proporciona a educação moral para seus filhos reforça nos mesmos inversão de valores humanos e sociais. Indivíduos não moralizados, com caráter desvirtuado, tendem a atos de violência e desrespeito ao próximo, por não terem em suas vidas modelos de bem no próprio lar, e sim modelos de imediatismo, consumismo, sensualismo que denigrem a vida.

5 APRENDIZAGEM

O processo de aprendizagem e suas interações com o ensino têm sido alvo de inúmeros estudos e avanços das mais variadas áreas em busca de sua compreensão. No entanto, os diferentes olhares teóricos convergem para o mesmo ponto: a valorização qualitativa das interações sociais que o aprendiz estabelece em suas aprendizagens formais ou acadêmicas e as informais que estão ligadas ao seu mundo familiar e social. Hoje, a Psicopedagogia constitui-se como uma área do conhecimento que trabalha e compreende o processo de aprendizagem de cada pessoa e, constrói pontes entre a objetividade e a subjetividade, entre o ser que aprende e o ser que ensina, entre o saber e o não saber, entre os seres que coexistem e, juntos, se humanizam.

A aprendizagem é um dos processos fundamentais na formação e influência da constituição individual de uma criança. Segundo Bee (2003), são três tipos básicos de aprendizagem que compõem a compreensão do desenvolvimento da criança:

1- Condicionamento clássico – trata-se da resposta emocional condicionada, ou uma ação reflexa a um estímulo.

2- Condicionamento operante – também denominado condicionamento instrumental, envolve o uso de recompensas e punições para o comportamento de um indivíduo:

- ✓ Reforço positivo – estimula a repetição do ato que proporciona o aspecto positivo (sorriso, elogio, atenção).
- ✓ Reforço negativo – fortalece o comportamento por sua remoção, se a criança deixa de fazer algo, por exemplo, os pais passam a não reclamar.
- ✓ Punição – enfraquece determinado comportamento por sua aplicação, restringe a repetição do comportamento inaceitável.

3- Aprendizagem observacional – a aprendizagem ocorre também como resultado da observação de outrem pela criança.

Como se pode observar tais processos de aprendizagem conduzem inevitavelmente a importância e influência do ambiente familiar no processo de desenvolvimento cognitivo da criança. Esta aprende ou desenvolve o processo de aprender de acordo com o que vê e sente, podendo se tornar generosa ou violenta, por exemplo, se observar o comportamento familiar como tal.

Por certo tais premissas não são absolutas; uma criança não será má se seu pai ou mãe forem, todavia existe uma grande perspectiva de tal se confirmar se outros fatores não exercerem influência em sua formação mental, valores, cultura, princípios religiosos, por exemplo, repassados por outro ambiente. Trata-se de uma combinação de eventos, ou como destaca Bee (2003, p.20), “o desenvolvimento resulta de uma combinação de influências ou processos. Não é totalmente determinado ou pelo ambiente ou internamente, é por ambos”.

Todos os pais, conscientes ou não, reforçam e afetam alguns comportamentos de seus filhos, tal interação age diretamente na sua formação comportamental e mental, o desenvolvimento e a aprendizagem da criança são produtos dos efeitos dos processos e influências as quais ela está exposta.

O envolvimento dos pais com a criança exerce nesta um processo seletivo de suas potencialidades, estimulando algumas em função de outras, determinando tendências e

aprendizados, condicionando inclusive o crescimento da sua auto-imagem-emocional e seus valores, Soifer (1982). (1992), as funções básicas da família são: ensino e aprendizagem, pois o desenvolvimento físico e psíquico da criança depende das condições materiais e emocionais que esta está inserida junto com a sua família, somada as suas peculiaridades específicas, o aspecto da sua personalidade.

Se entendermos a família como "a estrutura social básica, e o primeiro núcleo da construção de um sujeito, fica fácil estabelecer a importância que os educadores dão e, ultimamente mais fortemente a escola tem dado, à família de seu aprendiz. Partindo do pressuposto que a aprendizagem estabelece um par dialético entre o desejo e o não desejo de aprender e que o desejo de aprender está intimamente relacionado com o tipo de interação que a criança estabeleceu e continua estabelecendo com sua família, percebe-se que o conhecimento da família do aprendiz e sua modalidade de aprendizagem são muito importantes para o trabalho educacional. Quando entendemos a família como "um grupo onde se manifestam não só as ligações de ordem racional, por exemplo, aquelas que constituem as expectativas sobre os comportamentos que devem ser exibidos no desempenho dos respectivos papéis, como também aquelas que, sendo de ordem afetiva, respondem por uma espécie de costura emocional que une as pessoas entre si (Parolin, 2005).

O papel do professor no processo educacional deve ser o de mediador da aprendizagem, atuando na zona de desenvolvimento próxima a proposta por Vygotsky. Ou seja, o professor precisa compreender o problema do aluno e entender a sua dificuldade momentânea para intervir no processo. É preciso tentar compreender o nível de desenvolvimento, de interesses e de necessidades dos alunos para poder colocar desafios, ou mesmo para fornecer informações que os ajudem a sair da situação de conflito e a atingir um nível superior de desenvolvimento. Assim, o papel do professor baseia-se no cognitivismo piagetiano, na sócio-afetividade no domínio da tecnologia computacional. Na verdade, poderíamos utilizar o termo construcionismo, porque o aluno vai construir, mas construir a partir de ações concretas e de reflexões sobre suas ações. Ele não sai do concreto para atingir o abstrato. O aluno está sempre trabalhando numa via de mão dupla entre os dois, integrando-os nas construções.

A afetividade, assim como o conhecimento, se constrói através da vivência. Sendo também da escola e do educador, a tarefa de despertar no educando as potencialidades do coração.

Intuitivamente, professores, pais e educadores percebem, no dia a dia, a importância dos laços afetivos no processo de educação.

Segundo a teoria de Piaget nunca subestimar a criança quanto a suas capacidades. É muito comum esperarmos que elas não sejam capazes de realizar determinadas tarefas e facilitarmos suas ações (como abrir uma bala, alcançar um objeto que esteja no alto, etc.). Não fazer pela criança aquilo que ela pode fazer sozinha. Propor sempre que ela resolva por si mesma. A criança deve estar em constante atividade, cujo tempo de duração deve ser graduado. O professor deve graduar a atividade de acordo com o nível da criança. E o grau de dificuldade deve ser crescente. A criança deve aprender pela sua própria ação. Deixar que ela tente, experimente, observe.. O professor deve deixar transparecer uma afetividade igual por todas as crianças. Suas preferências não devem ser manifestadas em sala de aula. Ele deve estar permanentemente discutindo suas atitudes e verificando quando sua ação é movida por preconceito. O relacionamento com as crianças deve ser carregado de afetividade manifesta, ou seja, o professor deve reconhecer todos pelo nome, fazer referências e solicitações nominais, receber as crianças, abraçar, beijar, etc. O professor deve acompanhar, controlar e propor situações de socialização, como trabalhos em grupos, jogos, etc. O professor deve propor trabalhos com objetivos socializadores. A atividade socializadora é graduada segundo o nível da criança, ou seja, não se deve propor um nível de socialização para o qual a criança não tem capacidade. Assim, por exemplo, não se pode esperar que uma criança de dois anos divida os objetos em sua posse ou que uma de sete anos compreenda que junto ao grupo é mais fácil atingir um determinado objetivo.

A afetividade é essencial para que um professor seja considerado eficiente. Afetividade é se preocupar com seus alunos, é reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais aos seus. É aceitá-los em suas nuances e respeitá-los. É entender seus sentimentos, tendo sensibilidade para perceber que atrás de um aluno agressivo se esconde, muitas vezes, uma criança carente que se sente inferior às outras, desvalorizada, mal amada. Outro ponto importante é a autenticidade. O professor deve expressar seus sentimentos e desejos de forma direta, mas sem magoar as outras pessoas. Deve, também, estar interessado em seus alunos, procurando, portanto, colocar à disposição deles recursos interessantes e estimulantes para aguçar sua criatividade e sua vontade de descobrir. Conseguindo passar para eles a magia do aprender e a consciência de que são os responsáveis e os grandes

beneficiados. A competência que mostrarão no futuro, como profissionais, dependerá deste vínculo significativo com a aprendizagem (M.^a do Carmo P. Braga, 2005).

A reciprocidade de pensamento entre os interlocutores é condição para a construção do conhecimento. Na escola, o aluno é ativo e constrói seu conhecimento na interação com os conteúdos, com o professor e com os outros alunos.

5.1 Aspectos relevantes

O aspecto econômico-social interfere no processo de desenvolvimento e aprendizagem de uma criança, na forma de: deficiência ou atraso mental, em consequência de alimentação e ambiente precário; nos aspectos culturais ou sociais herdados dos pais.

A estrutura familiar, sua ideologia e todos os amplos conceitos que permeiam ou cercam a condição social e sua interferência na condução ou formação do indivíduo refletem nas características individuais e na transmissão de valores e cultura da família para a criança.

“A subalimentação, a fome, a precariedade da moradia e dos elementos para a subsistência, o analfabetismo, a carência de instrução, a falta de capacitação para o trabalho, a marginalização social em geral, não podem deixar de funcionar como fatores determinantes de distorções patológicas na formação da personalidade” (Soifer, 1992, p.152).

O aspecto econômico-social pode ser determinante em qualquer parte do desenvolvimento da criança, à medida que restringe ou amplia suas fronteiras e as dos seus familiares. A ênfase do amparo econômico ocorre porque este possui a capacidade de condicionar o comportamento dos indivíduos, chegando a ser determinante em vários aspectos e componentes individuais. Pode ser atenuado pela vivência da educação formal e interação social em outros ambientes diversos, porém seu aspecto restritivo prevalece com certa força. As discrepâncias econômicas costumam se refletir nas discrepâncias educacionais.

De acordo com Fischlowitz (1963), a família se constitui em principal força motriz da sociedade, mediante ela se transmitem, de uma geração à outra, os costumes, valores espirituais e as tradições, sendo a base natural do desenvolvimento do indivíduo e da

sociedade em que se encontra inserida; é fator preponderante na educação dos filhos e a escola pode e deve somente complementar.

O aspecto religioso também formata a afetividade, interferindo no conjunto de conhecimentos e valores que a criança assimila e interage com a sociedade, pois no transcurso de seu aprendizado com os pais a criança deve solidificar e adquirir valores que se constituem parâmetros do restante de sua formação, como o respeito, o amor, e a solidariedade. A religião, qualquer que seja, pode fomentar ou auxiliar a formação destes, sendo objetivo da família e da religião o ensino e a aprendizagem de fatores que possibilitem um relacionamento familiar e social o mais saudável possível.

Winnicott (1990) destaca o ensino e prática da religião, que denomina como ‘ensino moral’, sua importância e amplitude como aspecto formador do indivíduo. Para o autor o ensino moral é componente, a todas as sociedades, no desenvolvimento emocional, faz parte da construção do self, constituindo a realidade específica de cada um.

“Parece que, embora a maioria das religiões tenda a reconhecer a importância da vida familiar, coube a psicanálise apontar as mães dos bebês e aos pais de muitas crianças o valor, ou melhor, a natureza essencial, de sua tendência a prover para cada lactante o que cada um desses realmente necessita em termos de cuidado” (Winnicott, 1990, p.91).

O autor se refere no contexto não só ao cuidado físico materno/paterno desde a concepção, mas o cuidado ligado ao aspecto afetivo-emocional que conduz a confiabilidade e a credulidade que a criança adquire na figura dos pais e contribui como elemento formador de si própria, da ambivalência do bom e mau, do certo e errado e da sua concepção própria do mundo que a cerca.

No que diz respeito à religião ou a concepção de Deus, o aspecto a ser ressaltado neste trabalho é a de constituição do senso de valor e suas implicações na afetividade e interação social. Sob os aspectos educacionais a religião é a ferramenta ou a portadora da ética e da moral social, em tese como divulgadora de valores age como sustentáculo à subsistência e integridade da sociedade e do seu desenvolvimento.

Quaisquer que sejam as concepções religiosas assumidas por uma família, estas devem primar pela transmissão de valores morais, afetivos e emocionais que propiciem aos seus descendentes concepções adequadas da vida em sociedade e estabilidade para o desenvolvimento saudável de sua psique.

De acordo com Bee (2003) a criança é como um sistema, portanto adaptativo, sofre evoluções e intervenções, assimila ou rejeita algo. A família se constitui no maior e primário elemento de intervenção desse sistema, daí sua importância afetiva.

Ainda de acordo com a autora, filhos de famílias carinhosas e amorosas possuem auto-estima elevada, são mais empáticos, mais altruístas e responsivos. Apresentam menores níveis de comportamento agressivo e delinqüente, como já se ressaltou o padrão familiar afetivo favorável proporciona um melhor desenvolvimento da criança.

Segundo Piaget apud Wadsworth (2003), determinou que corpo e mente funcionam interligados, a atividade cerebral sofre influência da atividade biológica, e assim como essa está sujeita as alterações do ambiente, de tal modo que os atos intelectuais são atos de organização e adaptação ao meio, as atividades intelectual e biológica são partes de um processo global de adaptação do organismo ao seu meio e suas experiências. Com isso reforça-se a idéia ou a compreensão do aspecto afetivo como agente potencializador do desenvolvimento do indivíduo. Busca-se suas implicações, por ausência e presença, no desenvolver deste trabalho.

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência.

5.2 Outras ligações afetivas

O laço familiar, principalmente o maternal e paternal, constitui, nos primeiros anos de vida, o vínculo afetivo único e essencial. Porém com o desenvolvimento biológico, outros vínculos são estabelecidos, e estes possuem a capacidade de interferir na condução das ações e do pensar do indivíduo. Estes novos padrões de relacionamento afetivo podem estruturar novos ou alterar outros já constituídos padrões comportamentais, segundo Bee (2003).

Bebês e pré-escolares → a interação entre bebês ocorre como estes a um brinquedo, não são indiferentes uns aos outros. À medida que crescem tornam-se mais sociáveis possibilitando a aprendizagem e vínculos individuais, como a escolha do melhor amigo, por exemplo.

Crianças em idade escolar → estabelecimento das amizades individuais. Formação de grupos com interesse comum e formas de identificação específicas.

Adolescência → semelhante ao estágio anterior com o aspecto da maior interação e busca do sexo oposto, diferentemente do período escolar.

A significância destes padrões de ligação afetiva está na influência que tais interações exercem sobre o desenvolvimento do indivíduo, existe uma importante relação

comportamental onde a forma de agir de um induz, estimula ou encoraja a de outro indivíduo, o que, por necessidade de aceitação no grupo, por vezes contradiz as crenças e valores de um indivíduo.

Quanto mais velho o indivíduo, suas ligações afetivas básicas permanecem, porém sua forma comportamental de ligação se modifica, tende a ser mais independente, mais influenciável por outros que não os pais, estabelecendo uma rede de vínculos que o afeta.

6 AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

Já se discorreu sobre o aspecto afetivo no desenvolvimento do indivíduo ou da criança, objetivou-se a todo instante destacar seu aspecto positivo na construção mental e biológica de uma criança. Destarte alguns pontos já terem sido ressaltados, quer-se neste tópico aprofundar ou complementar tais aspectos, buscando ressaltar e reforçar ainda mais a importância da afetividade e a questão da família, célula primordial dessa mesma afetividade, destacando-se sempre que a mesma, ou melhor, ambas, são fundamentais e essenciais para construção do conhecimento, como destaca Wadsworth (2003).

“À medida que os aspectos cognitivos se desenvolvem, há um desenvolvimento paralelo da afetividade – os mecanismos de construção são os mesmos. As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências e as estruturas cognitivas. O resultado é o conhecimento”. (Wadsworth, 2003, p. 38).

Pais e mães desenvolvem, no aspecto fisiológico e mental dos seus filhos, importante influência, provavelmente determinista ao futuro dos mesmos. Desde a lactência a ligação fisiológica e emocional do bebê com a mãe é maior, cabe a ela prover as necessidades fisiológicas e junto a essas as emocionais, por uma razão clara de no início da vida ambos estarem intimamente ligados, o papel paterno no início é o de suporte emocional a ambos, de acordo com Winnicott (1990). A afetividade construída nessa relação de troca entre pais e filhos estabelece os vínculos necessários para que ambos se desenvolvam, o apego e os cuidados parentais não são simplesmente relacionados ao zelo, mas também aos processos de aprendizado.

“O bebê é um indivíduo surpreendentemente bem organizado quando do nascimento, pronto para enviar sinais a seu ambiente, quando as coisas estão indo bem e quando não. À medida que são cuidados e recebem respostas de quem os cuida, os bebês obtêm um controle sobre suas reações, que lhes falta, dando-lhes uma base, a partir da qual eles, por sua vez, podem participar e responder aos eventos importantes em seu ambiente. Isto por sua vez, incentiva-os a aprenderem sobre si mesmos” (Brazelton, 1988, p.13).

A passagem acima simboliza bem a relevância do afeto, desde os primeiros dias do nascimento de uma criança, para que esta se torne responsiva ao ambiente que a rodeia, que interaja e se desenvolva com ele. Com o cuidado que recebe dos pais, cada criança torna-se capaz de desenvolver-se, de criar sua existência social e pessoal construindo assim o que Winnicot (1990) denomina de continuidade do ser, “na fase dessa continuidade do ser o potencial herdado se desenvolve gradualmente”.

De acordo com Bee (2003) a ligação afetiva dos pais para com a criança deve advir quando possível desde o nascimento, formando um vínculo forte, estreitado pela interação de ambos, pelo comportamento de maturidade e responsividade.

Segundo Brazelton (1988) existem duas aparentes fontes abastecedoras do desenvolvimento dos bebês: a interior, uma espécie de resposta ou sentimento que advém quando da execução de uma tarefa ou objetivo, sua realização serve como combustível para prosseguir a outro estágio do desenvolvimento. Para que esta idéia fique mais clara basta transpor seu conceito aplicado a recém nascidos para indivíduos de qualquer idade. A segunda fonte de desenvolvimento advém do exterior.

“O recém nascido é abastecido por estímulos externos, para os quais está programado. Na medida em que registra as respostas das pessoas à sua volta e responde a elas, cada novo estímulo afeta o equilíbrio que ele havia adquirido anteriormente. A aquisição deste equilíbrio torna-se uma nova fonte de satisfação interna. O ciclo de ruptura e correção é completo (...) ele está começando a construir um sistema de relacionamento ativo e a tomar consciência de seu controle sobre esse sistema. Este ciclo – de receber, registrar, ser perturbado por um sinal e depois adquirir um novo equilíbrio – torna-se muito importante como base para seu desenvolvimento futuro. (...) assim, o desenvolvimento cognitivo futuro do bebê está atado inexoravelmente a seu desenvolvimento social e ao seu senso de Self”.(Brazelton, 1988, p. 112,113).

Ainda segundo o mesmo autor, o estímulo afetivo produz a base do desenvolvimento natural, descrito acima, do recém nascido à adolescência, trata-se da

construção sistemática da estrutura mental e emocional capacitando a criança, ou ao indivíduo influir no ambiente e não meramente reagir a ele.

Self

O pensamento atual sobre o conceito de self da criança, de acordo com Bee (2003) origina-se dos estudos de Freud e Piaget, onde ambos supunham e baseavam suas concepções acerca do assunto, de que a criança nasce sem o senso de se constituir um ser separado da mãe. Sua importância neste trabalho diz respeito à construção do self individual da criança e sua influência no seu desenvolvimento posterior, assim como de que forma o aspecto afetivo interfere nesta construção individual.

De acordo com a autora o self pode e sofre uma distinção crucial denominada de:

- Self subjetivo → aspecto do “eu”, senso interior de que “eu existo”, “eu sou”.
- Self objetivo → aspecto do “mim”, conjunto de propriedades ou qualidades do indivíduo, incluindo-se aí as de caráter físico, temperamentais e habilidades sociais.

A relevância destes está na questão de que o self “eu” cria o autoconceito, o “mim” e estes representam ou retratam de certa forma a construção ou processo de edificação emocional que o indivíduo passou ou está passando.

O self subjetivo fornece a percepção de si mesmo, o bebê, ou a criança se encontra e percebe que pode interagir e interferir no ambiente que a rodeia.

O self objetivo fornece ao bebê ou a criança a dimensão de que este também constitui o ambiente, faz parte deste, é a tomada de sua autoconsciência. De acordo com Bee (2003) sua autoconsciência passa a reconhecer e a expressar emoções, como vergonha e orgulho, de forma a se fazer notar.

As implicações afetivas dessas questões são facilmente identificáveis, uma criança que atinge determinados objetivos e se sente orgulhosa desses já possui internamente um estímulo ao contínuo desenvolvimento, se for repreendida ou censurada desnecessariamente a vergonha pode passar a se constituir em um mecanismo reprimente de suas ações futuras, tornando-a insegura ou reprimida.

“Uma faceta do desenvolvimento integral é que a criança, depois dos dois anos fica mais ansiosa pela aprovação do adulto, vendo a resposta dele como sinal de que ela atingiu algum

padrão ou atendeu às expectativas (ou não). Ao chegar a idade escolar, a criança, em grande parte, já internalizou esses padrões e essas expectativas, tornando-se, assim, mais autônoma em seu auto-julgamento, exatamente como internalizou as regras e os regulamentos dos pais, o que a faz ser, assim, mais capaz de regular sua expressão emocional e seu comportamento.”(Bee, 2003, p. 322).

A autora destaca ainda que a autoconsciência permite a definição do “quem sou eu”, e o conhecimento das próprias qualidades e a interação social, o que se constitui fundamental no processo de formação emocional-afetivo do indivíduo.

O autoconhecimento na idade escolar manifesta-se por um maior refinamento da sua definição.

“(…), o autoconceito da criança também se torna, de modo gradual, menos centrado em características externas e mais em qualidades internas. A criança em idade escolar, além disso, começa a ver as suas características (e a dos outros) como relativamente estáveis e, pela primeira vez, desenvolve um senso global de auto valor”.(Bee, 2003, p.323).

Conforme a criança se desenvolve, sua autodefinição se torna mais complexa, mais comparativa, sua interação social se amplia e ampliam-se seus sentimentos e percepções do meio, o que relativa cada vez mais o suporte afetivo e emocional.

Já na adolescência existe uma maior tendência à abstração com questionamentos conflitivos inerentes estes a tal período, dito de turbulência emocional do jovem, sendo que neste período o indivíduo adquire sua identidade, que é uma visão integrada de si mesmo.

O que torna se torna claro nestas fases de desenvolvimento do indivíduo é a ligação ou a percepção emocional deste com o meio para a formação ou percepção clara de sua existência e formação.

A percepção do autoconhecimento ou do self por parte do indivíduo deve se constituir ou se estruturar sobre alguns conceitos, estes socialmente constituídos e aceitos, trata-se aqui dos valores sociais. O que se quer ressaltar é que valorar ações ou condutas é torná-las justas ou injustas, certas ou erradas, boas ou más, tornando-as dignas ou indignas, louváveis ou desprezíveis, é constituir um referencial para conduta social, estabelecer o que é adequado, o que de certa forma é resultado direto da interação humana em sociedade.

“Se cada um pudesse fazer o que bem entende, não haveria moral propriamente dita. Na verdade, o sujeito moral intui os valores como fruto da intersubjetividade, ou seja, da relação com os outros. Não é o sujeito solitário que se torna moral, pois a vida moral

se funda na sociedade: é pela descoberta e reconhecimento do outro que cada ser humano se descobre a si mesmo”. (Aranha; Martins, 1998, p.118).

A importância conferida aos aspectos da moralidade ou da constituição de valor deve-se ao fato de que os indivíduos no princípio de seu desenvolvimento herdaram de sua família a base destes, sobre essa base constroem a sua própria e neste processo de construção e comparação, ao seu micro-ambiente que é a família e seu macro-ambiente que é a sociedade na qual está inserido, é que o indivíduo passa a construir um aspecto avaliativo cujo resultado é sua auto-estima.

Este julgamento avaliativo sobre suas capacidades, aparência, habilidades, relacionamento social, aí englobado os pais, fornece ao indivíduo uma percepção do quanto ele se gosta, uma idéia do seu potencial ou a visão de si mesmo.

De acordo com Bee (2003), a discrepância entre o que a criança gostaria de ser ou pensa o que deveria ser e o que acredita ser fornece o seu nível de auto-estima, se a discrepância é pequena sua auto-estima é alta, o contrário se faz presente, se a discrepância for alta sua auto-estima é baixa, florescendo daí conflitos de objetivos e valores da criança e seu meio.

Desse modo a contribuição afetiva eficiente dos pais está em fornecer a criança valores reais e ferramentas emocionais adequadas ao seu desenvolvimento e autoconhecimento. Gerar expectativas elevadas na e sobre a criança podem conflitar com seus sentimentos e sua percepção de valor e habilidades, assim como a exaltação de aspectos específicos podem contribuir para construção do seu “eu” ou da elevação da sua auto-estima, quando confrontada com outra criança.

O aspecto cultural, ou seja, o que culturalmente é valorizado em determinada sociedade também tende a ser um fator determinante na constituição da auto-estima. Frequentemente comparam-se crianças com habilidades ou tendências diversas, com as que possuem a habilidade culturalmente mais destacada na sociedade que habita. O suporte afetivo torna-se essencial para que uma criança não se sinta menosprezada em razão da outra, podendo construir assim sua escala de valor, habilidade e auto-estima. Bee (2003), destaca que: “é o sentimento global de apoio que ela experimenta nas pessoas importantes que a cercam, em especial os pais e amigos”, que influencia a construção de sua auto-estima, porém “uma família ou um grupo de amigos amorosos não garantem uma auto-estima elevada se a

criança não sente estar vivendo conforme os próprios padrões”. O que torna essencial o aspecto da percepção mútua entre pais e filhos no desenvolvimento de seus padrões pessoais.

Sendo a auto-estima o produto da comparação, do indivíduo, e suas qualidades desejadas com suas reais, o critério de julgamento estar de acordo com a autora acima, necessariamente advém de três aspectos:

- ✓ Experiência direta → sucesso ou fracasso em alguma atividade;
- ✓ Valor atribuído a alguma habilidade → advém das suas referências ou comparações, com pais, amigos e colegas;
- ✓ Rótulos e julgamentos sociais → visão ou percepção do que é da criança ressaltado por terceiros.

Bee (2003), destaca que o autoconceito ou o nível de auto-estima de uma criança estabelece reflexos sobre seu self e comportamento, fazendo com que a mesma procure o ambiente que julga ser mais compatível com sua percepção de si mesmo, o que por vezes pode interferir negativamente em sua trajetória.

7 AUSÊNCIA DE AFETIVIDADE E SEUS DANOS

Já se destacou, neste trabalho, a importância do afeto desde o princípio da vida da criança, por se constituir num elo afetivo que produzirá interações e reflexos na mesma por toda uma vida. A formação de sua personalidade, segundo a literatura utilizada, começa a se constituir a partir daí.

As implicações decorrentes da ausência do afeto podem parecer, para alguns, subjetivas, estes argumentariam que crianças criadas com afeto também se tornam marginais ou problemáticas. Todavia, mesmo que tal afirmativa se constitua realidade algumas vezes a existência de um conjunto de outros fatores, que não cabe aqui discutir, puderam e certamente se fizeram presentes e determinantes para que tal ocorresse.

O que os estudos demonstram é que a questão da ausência da afetividade reflete sobre diversos aspectos do desenvolvimento do indivíduo, como: áreas do conhecimento, da razão, da emoção e do agir.

“A carência prolongada e contínua, qualquer que seja o quadro vital em que ela intervém, tem por efeito retardar progressivamente o desenvolvimento intelectual do sujeito carente” (Lebovici; Soulé, 1980, p.426).

A carência afetiva ou a ausência da afetividade seja essa precoce ou não, determina um atraso ou interrupção no desenvolvimento mental da criança, sendo, de acordo com os autores acima, que as funções mais atingidas por uma carência prolongada são o desenvolvimento da linguagem e o das reações sociais, e estas por sua vez provocam ou ocasionam outros atrasos no desenvolvimento mental.

A baixa afetividade ou relação afetiva pode se originar de problemas socioeconômicos, desfavorecendo ainda mais os aspectos intelectual e afetivo de toda família.

A inadaptabilidade social advinda de relações afetivas deterioradas dificulta não só o aprendizado da criança como posteriormente, quando adulta, sua inserção social e familiar, sendo, segundo os autores ora citados indivíduos com tendências de inibição, impulsividade e fechados a aproximação.

Ferreira (2004), em seu artigo, afirma que com os cuidados necessários ao desenvolvimento a criança pode se tornar uma pessoa, formar uma unidade, e esta é conquistada quando as condições são preenchidas de forma satisfatória. Tais condições são: as físicas, alimentação e abrigo, por exemplo, e as psíquicas, que resumem-se no ato afetivo, traduzido pelos cuidados familiares que a criança recebe.

O vínculo estabelecido é permanente e conduz o despertar de outros conhecimentos e experiências, a percepção do externo e da realidade, quando tal vínculo se torna falho as percepções e entendimento do exterior ou da realidade também serão falhos. “Afinal, o homem é um ser criativo que tendem naturalmente à realização de suas potencialidades, desde que lhe seja disponibilizado um ambiente facilitador” (Ferreira, 2004, p.31).

Ao carecer dos cuidados afetivos um indivíduo não goza desse ambiente facilitador, portanto lhe são “roubadas” condições ou possibilidades de sua potencialização, seja essa mental ou psico-social.

As pessoas que possuem amigos e um leque de relações afetivas, também demonstram-se menos propensas a sofrer de depressão, ansiedade e outros distúrbios psicológicos. Amizades com conteúdos de satisfação e prazer geram um estado mental que desencadeia o fortalecimento do próprio sistema imunológico da pessoa. Conviver em harmonia faz bem para a estrutura psico-fisiológica e espiritual do ser humano. Da mesma forma, relacionamentos onde figuram a hostilidade, o mal-querer, o ciúme patológico, a ingratidão terminam fragilizando o nosso sistema imunológico, abrindo campo para a instalação de doenças de natureza múltipla.

7.1 Aspectos relevantes

De acordo com Winnicott (1990), a humanização da criança decorre da assimilação dos preceitos morais e sociais dos adultos, cabendo aos pais fornecerem a esta as condições e os valores a serem assimilados. Torna-se essencial, para que o indivíduo não se desagregue da sociedade, a intervenção ou a exposição afetiva da família. Segundo o mesmo autor “a maturidade do ser humano é uma palavra que implica não somente crescimento pessoal, mas também socialização”. A independência nunca é total, trata-se apenas da modificação da sua relação com o ambiente, para que essa relação seja saudável, sob os aspectos socialmente aceitos, o papel afetivo da família e da escola são fundamentais por servirem de base ou estrutura a construção da relação madura do indivíduo com o seu ambiente.

De acordo com Winnicott (1990), a tendência anti-social manifestada em uma criança carente é uma forma de esperança, de achar um modo de superar o vazio provocado pela ausência da afetividade. A carência provoca um conflito e este uma reação de adversidade ao ambiente e ao seu desenvolvimento emocional e mental, bloqueando a

vivência apropriada a sua idade. A tendência ou mau comportamento sempre se origina de uma privação, representando um apelo para que essa cesse.

Ao se interpretar o comportamento anti-social como um distúrbio comportamental não se deve deixar de buscar sua essência ou origem no ambiente do qual a criança faz parte. A distorção deste acarreta ou ocasiona a relutância ou as demonstrações contrárias da criança a realidade, trata-se da sua reação a instabilidade, como destaca Winnicott (1990, p.87).

“(…) ocorreu em certo período ou fase do desenvolvimento uma falha real de apoio ao ego que deteve o desenvolvimento emocional do indivíduo, uma reação nesse indivíduo a esse distúrbio tomou o lugar do desenvolvimento, simplesmente. O processo de maturação ficou contido por causa de uma falha do ambiente facilitador”.

Não se pode diagnosticar ou afirmar, no corpo desse, até que ponto a ausência de afetividade conduz a prejuízos ou deficiências psíquicas, nem mesmo o quanto negativamente essa, isoladamente, contribui para as falhas e deficiências de aprendizado, o que se pode afirmar é que esta contribui, quando ausente, ao péssimo desenvolvimento do indivíduo e que é sempre resultante de um amplo conjunto de fatores negativos, já destacados, e muitas vezes bloqueadores de um bom desenvolvimento educacional e psíquico.

É necessário à existência de um ambiente favorável para que, segundo Winnicott (1990), o indivíduo ou a criança determine sua adaptação e através da integração estabeleça sua própria percepção da realidade. Quando o ambiente é desfavorável sua adaptação é atropelada e sua percepção da realidade distorcida.

De acordo com Bee (2003) “a qualidade do relacionamento entre os pais ‘vaza’ para o seu relacionamento com os filhos”. Em relacionamentos discordantes ou negativos o efeito será a potencialização de aspectos como ansiedade, depressão ou delinquência.

O divórcio como fator de influência sobre as crianças, ainda de acordo com a autora, afeta-as sensivelmente tornando-as, na maioria das vezes, desafiadoras, agressivas ou deprimidas, alterando negativamente seu desempenho escolar, e tal ocorre pela sensação da diminuição da atenção e do afeto.

O que se deve compreender como ponto fundamental ao desenvolvimento de uma criança é que esta não pode ficar subordinada a comportamentos negativos ou perturbadores, sua estrutura familiar deve ser o mais salutar e positiva possível.

Torna-se necessário reforçar que o conceito de auto-estima é altamente significativo para o desenvolvimento da criança e para suas ações, seja em brincadeiras, seja

em sala de aula, essa imagem ou crença afeta todo seu comportamento, sendo a família a principal responsável por ela.

7.2 Dificuldade de aprendizagem

De acordo com Martinelli apud Sesto et al (2001), o fracasso escolar, o baixo nível de rendimento e as dificuldades de aprendizado, podem estar relacionados à deficiência do aspecto afetivo, que se constitui numa variável significativa e interveniente no processo de aprendizagem humana ou no seu processo cognitivo.

A psicopedagogia é identificada como a área de estudos responsável por estudar e buscar compreender as dificuldades encontradas no campo das aprendizagens humanas, por mais ampla que estas sejam. Como tal o desenvolvimento social e intelectual considerado inferior ao esperado estão aí inseridos. Todavia se aceite que as dificuldades de aprendizagem ocorram concomitantemente a outras deficiências como, sensoriais, mentais, emocionais ou fatores extrínsecos como, condições ambientais desfavoráveis ou instrução insuficiente, o que quer se enfatiza neste trabalho são as deficiências decorrentes do aspecto afetivo ou emocional.

Em seu artigo Martinelli apud Sesto et al (2001), apresenta várias pesquisas que buscaram relacionar a falta de afetividade com os aspectos diversos da dificuldade de aprendizagem. Tais estudos sugerem que os sentimentos que um indivíduo nutre por si possuem papel decisivo no funcionamento cognitivo e no seu desempenho escolar, sendo que quanto mais baixo for seu autoconceito, maior será sua dificuldade e mais baixo seu desempenho.

Ambientes que produzem ansiedade e depressão, assim como excesso de rigidez e alto nível de expectativa podem afetar negativamente a aprendizagem.

“(…) a literatura, bem como o relato das experiências cotidianas de nossos professores e dos profissionais envolvidos diretamente com o ensino e, conseqüentemente, com a questão da aprendizagem, tem enfatizado que um bom ajustamento afetivo é condição necessária, embora não suficiente, ao pleno desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes” (Martinelli apud Sesto et al, 2001).

Polity (1998), afirma que uma dificuldade de aprendizagem não significa necessariamente uma deficiência mental ou orgânica, indica uma condição específica ou uma situação. A família como fonte ou suporte ao desenvolvimento da criança, pode assim, com

um comportamento inadequado, se tornar à condição ou a situação provocadora dessa dificuldade de aprendizagem, esta ao introduzir expectativas e valores sobre os filhos, insere sobre esses uma carga que pode conduzi-los a frustração e a decepção.

“No sistema familiar, a capacidade de proporcionar um continente seguro para o desenvolvimento intelectual está primariamente ligada a habilidade dos membros da família (em específico os pais) de separarem seus próprios conflitos relativos as realizações, das expectativas e conflitos dos filhos” (Polity, 1998, p.89).

O objetivo de destacar o papel familiar foi oportunizar o paralelo do bom ambiente com os laços emocionais e afetivos adequados a construção do indivíduo, de seu desenvolvimento, destacando-se aqui que, por maiores que sejam as demais dificuldades enfrentadas por um indivíduo, seja adulto ou criança, o laço afetivo e a estabilidade emocional se constituem em um reforço ou porto seguro para superação das dificuldades e uma motivação ao seu desenvolvimento.

8 CONCLUSÃO

O universo afetivo de uma criança se compõe de diferentes quadros e estes são os que proporcionam, através da sua interação, a socialização da mesma ao seu ambiente e com quem a rodeia. Se a ausência afetiva for preponderante, a construção de seu universo ou interação social e construção do seu ser serão falhas, apresentarão rupturas difíceis de serem transpostas ou superadas.

As crianças diferem em suas respostas ao vínculo afetivo, porém a ausência deste parece acarretar um efeito negativo facilmente identificável, o atraso no desenvolvimento e a dificuldade de aceitação própria.

“O desenvolvimento seria quase inteiramente função da estimulação pelo meio. O que não foi aprendido mais cedo pode ser aprendido mais tarde, contanto que se criem as condições apropriadas” (Lebovici; Soulé, 1980).

Mesmo que uma criança tenha sido, em alguma fase do seu desenvolvimento, privada da afetividade ou do convívio familiar salutar, o atraso do mesmo pode ser corrigido ou compensado através da correta interação afetiva ou por sua inserção em um ambiente afetivamente salutar. A ausência da afetividade familiar pode ser suprimida ou atenuada de alguma forma, com cuidados escolares de qualidade e em quantidade, minimizando assim os danos anteriores.

A família não se constitui somente como fonte afetiva, mas também como construtora ou facilitadora do ambiente no qual a criança está inserida. O desenvolvimento desta é dependente desse ambiente, física e psicologicamente. Famílias pautadas por aspectos afetivos positivos contribuem para adequação da criança ao meio de forma menos traumática, conduzem as transições de forma mais suave, sendo o inverso extremamente prejudicial.

De certa forma os aspectos socioeconômicos não podem ser relegados, por comporem ou interferirem até certo ponto na condução ou nas relações familiares, estes são fatores de influência no desenvolvimento da criança. Não se configura, porém um atestado definitivo, de que crianças com condições econômicas precárias não se desenvolvem ou se tornem crianças agressivas por terem sido criadas sem afeto. Trata-se de um conceito pré-concebido e preconceituoso, porém chama-se atenção que a situação econômica precária, é aliada, como fator de influência, ao não pleno desenvolvimento de um indivíduo. Seu potencial pode passar a ser restringido por essa condição e seus desdobramentos como condições de moradia e saneamento precários, difícil acesso à educação de qualidade,

provável baixa escolaridade dos pais, ausência desses e outros tantos que somados compõem um quadro restritivo e preocupante. O aspecto afetivo pode atenuar algumas dessas premissas negativas, porém seu somatório dificilmente poderá ser suplantado. A importância, portanto, decorre que em casos de restrições socioeconômicas a ausência de afetividade provoca um agravamento ainda maior no atraso ou no não desenvolvimento da criança.

Não se pode neste breve ensaio, ensejar todas as variáveis decorrentes ou que permeiam o fator afetividade na construção do indivíduo ou no seu desenvolvimento, porém pode se destacar sua importância e a sua essencialidade facilmente deduzida através da literatura disponível.

Por último ressalta-se que a interação com a família, companheiros e educadores é o contexto social da aprendizagem da criança, é através deste que boa parte de suas concepções e estruturas mentais serão deduzidas ou formatadas, considerando-se o aspecto afetivo como fundamental na contextualização social, verifica-se que sua ausência ou redução produz indivíduos propensos a limitações de desenvolvimento.

9 BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA , Jerri Roberto Santos. **Afetividade e convivência**. Disponível em <http://www.litoralnorters.com.br/cafeofilosofico/2004/index2505.htm>. acessado dia 16-03-2005.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação**. Disponível em <http://www.com/videtur23/valeria.htm>, acessado em 19/09/2004.

BALLONE GJ - **Afetividade** - in. PsiqWeb, Internet - disponível em <http://www.psiqweb.med.br/afeto.html>>revisto em 2002

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9ª edição. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2003.

BRAGA, M.aria do Carmo P. 2005. **Educação e afetividade**. <http://www.escola.net/artigos/>. acessado dia 19-03-2005.

BRAZELTON, T. Berry. **Desenvolvimento do apego: uma família em formação**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1988.

COSTA, Rose Keila Melo. COSTA, Keila Soares. **O aspecto sócio afetivo no processo ensino-aprendizagem** na visão de Piaget, Vygotski e Wallon. Disponível em <http://www.cade.com.br>. acessado dia 20-03-2005.

FERREIRA, Jacirema Cléia. Art. **“Cuidados essenciais com o recém-nascido”**. In Revista Viver Psicologia. São Paulo: Ed Duetto, n. 135, abril/2004, ano XII. P. 30-31.

FISCHLOWITZ, **Estanislau. proteção social à família**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1963.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon – **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 13ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

GOLSE, Bernard. **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança**. 3ª edição. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 1998.

LEBOVICI, Serge; SOULÉ, Michel. **O conhecimento da criança pela psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Zauar, 1980.

LEITE, Sergio Antonio da Silva, TASSONI Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula**: As condições de ensino e a mediação do professor. Disponível em:

<http://www.lite.fae.unicamp.br/grupos/alle/textos/textosergio.htm>.

Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). **Socialization in the context of the family: parent-child interaction**. In P. H. Mussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4th ed., pp. 1-101). New York: Wiley. <http://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.psy.ku.dk/bjerke/Where%2520Is%2520the%2520Child%27s%2520Environment%2520A%2520Group%2520Socialization%2520Theory%2520of%2520Development.htm&prev/search%3Fq%3D%2522Eleanor%2BMaccoby%2522%2B%252>, acessado em 25/09/2004.

PAROLIN, Izabel Cristina Hierro. **Da família para a escola - a construção do cidadão!** Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos> acessado dia 18-03.2005.

PEDRO Guerra. Afetividade- **A Onipresença dos pais pode gerar pequenos ditadores**. Disponível em <http://www.escola.net/artigos/>. acessado dia 18-03-2004.

POLITY, Elizabeth (org). **Psicopedagogia: um enfoque sistêmico**. São Paulo: Ed. Empório do Livro, 1988.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky – **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 15ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

SESTO, Fernandes et al (org). **Dificuldade de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

SÂMARA, Eni de Mesquita. **O que mudou na família brasileira? (da Colônia à Atualidade)**. Rev.Psicol. USP vol.13 no.2 São Paulo 2002. acesso dia 19-03-2005. Disponível em <http://www.scielo.com.br>. acessado em 19/03/2005.

SOIFER, Raquel. **Psicodinamismos da família com crianças**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.

_____ **Psiquiatria infantil operativa**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1992.

WADSWORTH, Berry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5ª edição. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson, 2003.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação** – Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional. Tradução Irineu Constantino Schuch Ortiz. 3ª edição. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1990.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. Rev. Educ. Soc.vol.25 no.87 Campinas May/Aug. 2004. Disponível em <http://www.scielo.com.br>. acessado em 19/03/2005.